

O REAL NA PRÁTICA DE PSICANÁLISE¹

Sonia Coelho²

Quando pensamos no conceito de Real, logo nos vem a clássica definição: o Real é o impossível.

Que significa esse impossível? Trata-se do inexistente ou o irrealizável? Não é bem assim, é que o Real, não pode ser recoberto totalmente nem pela palavra nem pela imagem.

E como abordá-lo?

No Seminário *O Sintoma* (aula de 13/01/76) Lacan disse que é necessário que façamos em alguma parte o no do imaginário e do saber inconsciente, uma ligação (*une épissure*) para obter um sentido, resposta do analista ao exposta pelo analisante ao largo de seu sintoma...quando fazemos isto, lhe ensinamos a fazer a ligação entre seu sintoma e o Real parasito do gozo. Mas recomenda muita paciência ao analista

Voltamos ao Impossível com Freud que indicou que educar -governar e analisar são -três tarefas impossíveis. O que isto também quer dizer?

1. É que não se pode governar sem resto. Há algo não governável no Real.
2. Outro impossível é o educar. Por quê? Não se pode educar todo o real dado que este resiste a uma totalização de sua educação.

E analisar?

Analisa-se, mas não sem deixar um resto, que escapa a toda a captura discursiva. Não há teoria nem prática que possa extinguir o encontro e o desencontro com o real, visto que não se cobre facilmente nem com palavras nem com imagens.

“O real volta sempre ao mesmo lugar” disse Lacan no seminário XI. Que lugar é esse, como entender isto?

¹ 23/05/2009

² Psicanalista. E-Mail: sc.recife@hotmail.com.

Lacan explica isto em *A Terceira*:

“o Real volta sempre ao mesmo lugar - ao lugar enquanto o sujeito cogita (...) não o encontra. O Real é o que não anda, é uma pedra no meio do caminho, bem mais, é o que não cessa de se repetir para entrar essa marcha”...

Dito de outra maneira: o Real volta ao mesmo lugar, em que o sujeito não o encontra, ou tropeça nele, porque esse lugar existe e sustenta o simbólico da existência pela qual o sujeito o expulsou de sua representação e construiu sua realidade. O Real é aquilo que falta na apreensão do pensamento.

Um exemplo da clínica em Freud retomado em Lacan. Trata-se do conhecido episódio: *Pai não vês que estou queimando?*

O pai não desperta enquanto queimam os despojos do filho a quem deveria estar velando, mas enuncia para si mesmo em seu sonho uma frase que é em si uma tocha, o “ponto mais cruel do objeto diz Lacan-testemunha seu desejo impossível de que o filho estivesse vivo. O fogo se refere ao que foi separado dos próprios significantes: o Real do sofrimento da morte.”

Ainda no seminário 11 em “A causa real da repetição”, outra referencia à prática:

O sujeito em sua casa, a rememoração da biografia, tudo isto só marcha até certo limite que se chama Real. A repetição envolve algo de que por mais que se tente não se consegue lembrar. O pensamento não consegue encontrar. Porque isso? Isso está excluído da cadeia significante, e o analisante dá voltas e mais voltas numa tentativa de articular o que parece estar em questão, de pensar e de dizer, mas não consegue, a menos que o analista possa apontar o caminho. A repetição envolve o impossível de pensar e de dizer.

Ainda neste seminário aparecem os conceitos de *tiquê* e *autômaton* tomados da filosofia de Aristóteles que Lacan tenta articular ao Real da psicanálise. Ambos do vocabulário da física de Aristóteles referem-se à pesquisa de causa acidental: acontecimentos excepcionais que não são pensados como absurdos, mas privações. *Tique* e *autômaton* são causas reais e eficientes. Causa eficiente significa principio de eficiência ou mudança de uma coisa. O *tiquê* está associada a necessidade, que segundo Aristóteles é fortuna desconhecida para o homem e dotada de algum grau de deliberação

Em Platão *tiquê* intervêm no indivíduo e na coletividade. *Tiquê* é referência à repetição e *autômaton* a rede de significantes.

Lacan diz que *autômaton* significa o desdobramento automático no inconsciente da cadeia significante. Envolve o retorno, à volta, a insistência dos signos, aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer. A *tiquê* por outro lado envolve o encontro ou desencontro com o Real que está além do *autômaton*, vige por traz dele. Encontro faltoso para além da fantasia. *Tiquê* é repetição.

No homem dos Lobos Freud se empenha em interrogar qual o primeiro encontro com o Real, na medida em que se destaca para ele a função da fantasia e o que ela esconde. Ainda que a análise aponte para o real da castração do sujeito, supõe situa-lo em cada uma de suas manifestações e em cada tempo da análise. Mas sabemos que o real está em jogo desde o começo de uma análise.

“Porque sofro desse sintoma?”

Em *Televisão* a propósito do inconsciente instância em que se manifesta o desejo, e traça sua via, comenta Lacan que o real só pode mentir ao parceiro e se inscreve como neurose, psicose ou perversão, e conclui “é o Real que permite desatar efetivamente aquilo em que consiste o sintoma, ou seja, um nó de significantes”.

Atar e desatar que aqui não são apenas metáforas, mas a serem apreendidos como os nós que realmente se constroem ao formarem uma cadeia com a matéria significante. O analisando consegue apenas circular ou gravitar em torno do Real.

A Energia e o REAL

Lacan nos traz no seminário seis, indicações que articulam Real e Energia a partir dos conceitos freudianos. Seria como se onde Freud falou de energia possamos ler Real.

Vejamos: “Que significa o termo defesa contra algo, contra alguma coisa, que não é outra que a energia psíquica do desejo”?... Recordem a metáfora da usina”.

Vamos ao Seminário 2 e vejamos a tal metáfora.

“o médico com relação ao corpo tem a atitude do homem que está desmontando uma máquina isto é radical. Foi disto que Freud partiu...”

descobrir para que sirva este aparelhinho complicado que se acha ai encarnado no sistema nervoso... A máquina encarna a mais radical atividade simbólica do homem. Aqui surge a questão da energia; ela só pode aparecer a partir do momento em que há máquinas. Então o sentido do mito energético desde a origem e sem que se entendesse estava implicado na metáfora do corpo humano como máquina. E Freud se dá conta de que o cérebro é uma máquina de sonhar e nela ele encontra o que já estava lá desde sempre. Freud descobre então a manifestação do símbolo em estado dialético, nos deslocamentos, trocadilhos. Chistes, gracejos funcionando sozinho na máquina de sonhar". (grifos meus).

E como Lacan vai trabalhar isto? Onde vai aplicar essas noções que já vem desde a filosofia?

No Seminário 4, lição de 05/12/56, volta a referencia à máquina com a metáfora da usina elétrica onde diz

“Há um significante instalado e já estruturado e uma central construída e em funcionamento: esta central é a linguagem. O importante aqui é observar que a energia é uma noção que só pode aparecer a partir do momento em que há máquinas”.

E onde nos leva Lacan com essa metáfora?

Leio no seminário *A Topologia e o Tempo*, (aula de 09/01/1979) o diálogo entre Nasio e Jean-Michel Vappereau:

“essas máquinas diz Vappereau são diferentes das outras; se trata do nó e das cadeias como máquinas, máquinas matemáticas, recursivas que produzem a repetição de uma operação tanto quanto se queira. Seguem um programa.”

Certas conjunções do simbólico e do Real são necessárias para que subsista a noção de energia. Energia do desejo... No centro da teoria analítica situa-se a noção de libido, isto é energia psíquica do desejo. Lacan comenta ainda que na teoria moderna da análise embora tenha mudado alguma coisa do eixo inicial que Freud havia dado ao considerar que a libido não é mais a busca de prazer, mas de objeto.

Isidoro Vegh em (*Hacia uma Clinica do REAL*) tenta abordar esta noção de energia tomando como exemplo essa outra máquina nossa imprescindível: computador... “Trata-se do programa que tem eficácia, e que pode mover até uma nave espacial. Não é uma força como a de um martelo que bate um prego, por exemplo.

Um programa pode abrir ou fechar o caminho da eletricidade, a carga elétrica e não ao contrário. É como se um programa também nos antecedesse com o desejo do Outro. O Real está anodado a este programa.

Intervir no Real em seus enlases e desenlases é experiência pouco comum. Mas se a psicanálise opera, é porque considera possível incidir no programa.

Quando Lacan formula a articulação significativa em anéis para fazer cadeias que se enlaça com cadeias, esta descrevendo circuitos onde a energia corre secundária ao circuito; não é um problema primário de cargas, é questão de circuitos. Entretanto resta a questão: como incidir num programa que já vem falhado?”

E como incidir num programa que já vem “falhado?”

Esse programa que já vem falhado, penso que pode ser uma referencia ao sujeito que não sendo mais que o efeito da linguagem, é entretanto um efeito vazio.

Do Seminário “A TERCEIRA “sublinho. “... o Real não é o mundo. Não há nenhuma esperança de alcançar o Real pela representação”.

Chamo de sintoma o que vem do REAL... Eu disse inicialmente o Real é o que retorna sempre ao mesmo lugar, retorna.

Por que o Real insiste em retornar? Porque a verdade é esquecida, logo tudo depende de que o Real insista.” \

Retomo Isidoro Vegh em “Sentido, verdade e Real na direção da cura” (aula 6, de 16/11/2007). “Há um limite, e o gozo fálico implica um limite, por exemplo, a proibição do incesto. O que isto simboliza? Uma perda de Gozo. Então em qualquer objeto do mundo, com o que se queira como diz Lacan, brincando, fazer coito, vamos encontrar com um resto de gozo que não se alcança. É a condição lógica do que se chama o Mal-Estar da Cultura. Por sermos sujeitos da linguagem, há sempre um gozo que falta, uma incompletude.”.

Intervenções no Real na prática analítica com neuroses.

Como o sujeito se situa diante do impossível? Do Real?

Caso Dora:

Levada pelo pai a Freud, Dora relata que quis se suicidar, que estava mal e diz:- Eu posso lhe contar o que está acontecendo comigo, mas não sei para quê, não sei se vai acreditar em mim.

- Freud : conte
- Dora: Bem, meu pai juntamente com um senhor que se chama K fizeram um intercambio de mulheres: meu pai com a senhora K e em troca disso me entregou ao galanteio e aos jogos amorosos do senhor K. Eu sofro com isso.
- Freud: Eu acredito em você.
- Dora: Bem então se acredita em mim não sei o que podemos fazer porque isto é assim.
- Freud: estou de acordo com você, isto é assim, isto é real, mas vamos ver como se situa diante disto...

Vemos que a pergunta como se situa diante disto, coloca o sujeito diante do impossível e decide sua posição. Propicia uma mudança, disponibiliza o sujeito para uma criação.

Outros exemplos de nossa prática:

Alguém que sofreu uma perda de familiar e muitos anos já se passou, entretanto fala disso como um acontecimento atual. Reconta, repete o acontecimento.

Intervenção possível do analista: nada se pode mudar desse acontecimento, mas que outra maneira você pode encontra para falar disso?

Na pratica: o Real pode manifestar-se como passagem ao ato ou o persistir como fixação de um sintoma.

O analista é o leitor de alguma verdade que tem a ver com o gozo que impede que o sujeito avance, no sentido de criar outro significante, caminho único que a análise pode produzir. Poder lidar de forma diferente com tal sintoma.

Diante do Real as palavras se interrompem, diz Marcele Marini, quando destaca os exemplos de Lacan nos *Écrits* (p.68):

“A análise do sonho da “injeção feita em Irmã” nos mostra a epopeia de Freud aventurando-se até o “Real ultimo” a boca (sexo) aberta da mulher. É a “fenda da menina” no quadro das Meninas, “beâncio onde não há nada a ver”, mas onde “isto os olha”. É “a coisa” do seminário sobre a Ética, presença opressora disto que, ao contrario, está por demais lá: corpo ou seio materno cuja iminência e não a falta suscita a angustia que é “falta da falta” e que sufoca.”

O Real na alucinação.

A partir de 1955-66 com a leitura do caso Schreber e a elaboração dos conceitos de Foraclusão e do Nome- do -Pai, Lacan propiciou uma nova visão da organização da estrutura do sujeito e o Real adquiriu também uma nova dimensão: tornou-se o lugar da loucura. Por quê? Os significantes da paternidade e da castração ressurgem para o sujeito no Real e o sujeito ignora seu sentido e não consegue interpretá-los. Se tomamos o nó borromeu para entender melhor esse Real, vemos que quando a castração é foracluída, é a função de engate dos três registros-Imaginário, Simbólico e Real - que não se produz. Opera-se um cruzamento errado entre o simbólico e o Real permitindo o desprendimento do anel do imaginário, propiciando os fenômenos de fragmentação corporal e a penetração do Real no simbólico ocasionando os fenômenos de injurias, alusões e mensagens.

Lacan em sua resposta ao comentário de Jean Hyppolite (Escritos 1966) comenta o caso clínico de Schereber.

“Quando ele se dirige a Deus como a um significante enigmático e dele recebe mensagens mostra ai no Real a foraclusão da função paterna”.

Ainda é comentário de Lacan que no episódio do Homem dos Lobos que aos cinco anos viu seu dedo cortado e preso só pela pele, trata-se da castração que o sujeito não aceita e retorna de forma errática e o sujeito não consegue dizer nada a sua babá, presente no momento.

O Real da alucinação irrompeu na realidade em uma imagem estranha.

Conhecemos a afirmativa: o que não veio à luz no simbólico reaparece no Real.

Concluindo esse texto, anoto as dificuldades que encontramos sempre de falar ou estudar sobre o Real, sem articula-lo ao imaginário e ao Simbólico. Esse é um caminho que parece sempre obrigatório: I_S_R.